Cinema de AMADORES

FILMS E NÃO CARTÕES POSTAES!

O numero dos turistas-amadores que, cada anno, deixam os portos americanos em procura de assumptos cinematographicas para serem filmados com as suas camaras, muitas vezes adquiridas na vespera da partida, conta-se por milhares, segundo estatisticas recentemente publicadas.

Muitas vezes, porém, a maior parte desses cine-amadores voltam para casa com algumas centenas de metros de film que passarão, no maximo, por um jornal cinematographico mal organizado. Outros voltarão com os trechos daquillo que poderiamos chamar o movimento das ruas. E no emtanto, por alguns mil reis, teriam photographias mil vezes melhores do que seus proprios films, bastando, para isso adquirir alguns cartões postaes. Ainda outros deixam os portos americanos com a intensão firme de voltarem com uma historia filmada no estrangeiro, e para isso escrevem um scenario, acabando por desprezarem os melhores assumptos, justamente por seguirem o scenario muito de perto.

Nesse genero de filmagem para amadores, o cine-turismo, mesmo que possam obter os melhores resultados, o amador americano tem sempre notado os defeitos constantes que dahi resultam quando a filmagem é baseada sobre um scenario. E justamente ahi é que se acha o erro. E' ahi que todos os amadores americanos e principiantes se enganam. A experiencia tem ultimamente dado a conhecer qual deve ser a verdadeira directriz. Eil-a: *realizar o turismo com a idéa em aproveitar todos os apanhados e introduzil-os, mas tarde, n'um scenario conveniente, urdindo então uma historia simples, em todo desses apanhados*. Percebe-se logo que a liberdade concedida por um tal methodo fornece ao amador o primeiro e ao mesmo tempo o mais simples passo para que os films resultem o mais interessantes possivel.

Isso que ahi fica poderá parecer uma utopia. Mas si realmente fizermos as coisas desse modo, filmando trechos para depois aproveitarmos no scenario, veremos que muitos dos nossos vizinhos e amigos já desejarão vêr o film, ao envez de fugir delle.

Supponhamos uma visita a Paris, como o americano gosta de fazer. Si o nosso desejo fôr voltar para casa com um simples jornal, teremos que nos contentarmos com méras vistas da Torre Eiffel, do Sena; da Opera, da Notre Dame, e coisas parecidas, sabidas, vistas e photographadas de sobra.

E' só o facto de terem essas vistas sido feitas por nós mesmos não é bastante para tornal-as interessantes a qualquer um. Vistas desse genero podem ser filmadas, si esse é o nosso desejo, mas não as mostremos aos nossos amigos. Elles poderão qualifical-as de interessantes, por méra cortezia apenas, mas no intimo estarão achando-as muito sem valor.

Façamos o contrario, apanhando vistas detalhadas de assumptos menos conhecidos, menos espaventosos, e todos voltarão a vel-os mais uma vez, trazendo até os proprios amigos. Si conseguirmos que um amigo e turista, que nos acompanha, inicie uma discussão com um chauffeur, caso não forem os dois acabar no xadrez, teremos uma scena com bastante acção, demasiada até, quem sabe? Essas scenas, detalhes desse genero, não podem, porém, ser tomados assim atôa. Continuemos a imaginar que nos achamos em Paris. Filmemos primeiro um ultimo-plano. Depois um primeiro-plano no momento em que o nosso amigo mais se irrita contra o chauffeur. Depois um detalhe do relogio do taxi. E si pudermos induzir um policia a que se meta na discussão, a acção ainda tornar-se-ha melhor.

Quando o film fôr editado, a ordem das scenas poderá ser a seguinte: primeiro, um subtitulo; depois um ultimo plano; terceiro o primeiro plano; quarto o detalhe do relogio; e quinto o ultimo plano de novo, para terminar ao longo das calçadas, com um detalhe das pilhas de cartões, indicando o numero da *chopps* e *drinks* alguem deseja guardar um daquelles pratosinhos de papelão como lembrança, e por isso guarda-o no bolso. O "garçon" nota a manobra. E já ahi temos outra scena tragi-comica.

Ha centenas e centenas de trechos, filmados desse modo, que poderão ser transformados em historietas, ou melhor pequenos detalhes com enredo e acção, si quizermos pensar um pouco.

O essencial é não nos deixarmos vencer por essa idéa de que *estamos escrevendo um scenario*, porque na realidade tudo isso é inexacto, inclusive a filmagem posterior daquelle scenario. A unica coisa que fazemos é organizar uns apanhados intelligentemente filmados. E para isso é preciso tratar de cada um delles isoladamente, para depois unil-os e ligal-os entre si, quando voltarmos da excursão de turismo.

Outra coisa: não convém examinar si isto ou aquillo adaptar-se-ha á historia, como ficou dito, ou não; convém tratar unicamente da filmagem, para depois ligar as scenas com uma historia, com todo o descanso e socego. Deve-se ter em conta *o que se está filmando*, e não *aquillo que se pretende filmar*, mesmo porque os trechos apanhados numa combinação de planos distantes, medios e curtos nunca irão gastar mais pellicula que um simples trecho em plano invariavel, além de tornarem o film muito mais interessante.

Assim pois, pelo que ahi fica, devemos dar á nossa attenção á filmagem, guardando o enredo da historia para mais tarde. Se não nos importarmos com a urdidura de uma continuidade, teremos, pelo menos, alguns bons apanhados, coisa que outros não obterão nem mesmo á custa de um scenario trabalhoso.

Convém outrosim incluir os amigos nas diversas scenas. Voltemos a pensar em Paris.

Si acaso ainda existem as "grisettes", filmemos uma dellas. Façamos com que um dos nossos amigos a chame e lhe pergunte o caminho para a praça da Opera. Teremos assim uma scena com bastante acção, ao envez de uma menina simplesmente andando ao longo da rua. Compremos jornaes mais caros. Demos uma gorgeta á florista. Perguntamos ao porteiro de um desses famosos hoteis parisienses, si elle sabe de um restaurante onde o serviço de mesa seja decente.

Si formos ao jardim zoologico e encontrarmos o urso polar a dormir, precisamos jogar-lhe pedrinhas para accordal-o e fazel-o entrar em acção. Filmemos as salvas deante do tumulo do Soldado Desconhecido, ao envez de simplesmente photographal-o, e, ao voltarmos da nossa excursão, teremos comnosco vistas que não poderiamos achar, nem mesmo em cartões postaes, de modo algum.

Si fôr do nosso desejo, poderemos até executar o trabalho sob um plano mais definido. Tomemos por exemplo um detalhe sempre constante atravez de todo o film: o de um amigo que sempre julga as despezas exaggeradas demais, e dá o desespero por isso; o de uma esposa descuidada que a todo momento cahe em risco de perder a sua sombrinha; o de um garoto, um pequeno que vive a perguntar ao papae o que é isto e o que é aquillo. E assim por diante.

E' preciso porém trabalhar com toda a liberdade de espirito. Apanhar os trechos que passam despercebidos aos outros, por inaproveitaveis. E' preciso que não se filme com a intensão de fazer sobresahir certas coisas. Antes executar o trabalho da filmagem com a mira na obtensão de assumpto para uma historia que se desenvolva emquanto filmamos, porque uma variedade grande de trechos resulta numa collecção muito mais interessante do que um unico ultimo-plano, apanhado detidamente e a uma distancia invariavel.

Nisso que ahi fica deve resumir-se todo o ponto de vista para o cine-turista, qualquer que seja o logar da terra onde elle vá gozar as suas férias de turismo; Europa ou America, Paris ou Rio de Janeiro. Esse ponto de vista tem que resultar em sequencias interessantes *por força;* e essas sequencias em uma historia agradavel, tambem *por força*.

(Termina no fim do numero).

Assim, ao envez de uma unica scena, teremos uma sequencia de scenas, que por ser completa será mais interessante. Filmemos as mesas de qualquer café parisiense de nomeada, essas mesas, como aqui, dispostas

Os estudos do trigo sob o influxo do ar, as composições interiores são executadas por amadores americanos, e a scena de rua por amadores judeus londrinos.

(De Sergio Barretto Filho)